



Arte conceitual e o ensino de artes visuais

Solange Vergano

Mestre, Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ / SME-RJ
solangevergnano@terra.com.br

Resumo

Atuais correntes educacionais propõem abordagens que consideram o conhecimento como forma de inserção no mundo interdisciplinar. Do mesmo modo, as novas bases epistemológicas do ensino da Arte preveem metodologias que inter relacionem pesquisas contemporâneas da Arte a diferentes questões culturais, estéticas, sociais e multiculturais da pós-modernidade. Este estudo busca sistematizar nossa experiência em Artes Visuais no IFRJ, propondo uma discussão sobre o potencial pedagógico da pesquisa em Arte Conceitual e seus desdobramentos. Consideramos este movimento artístico importante recurso didático, uma vez que permite liberdade estilística, ampla pesquisa de materiais e interlocução entre saberes, tempos, lugares, identidades, culturas, referenciais e significações diversos.

Palavras-chave: Artes visuais. Ensino de arte. Arte conceitual.

O início

O nosso mundo globalizado, onde tudo e todos estão conectados entre si, especializa e compartimenta os conhecimentos, impedindo uma percepção contextualizada da nossa existência. Diante desse cenário, percebe-se um crescente processo de mobilização mundial em busca de reinvenção dessa realidade e reconstrução de um mundo mais equilibrado, através da retomada de princípios étnicos, nacionais e espirituais do passado. Morin (2005, p. 39) defende a necessidade de se criarem mecanismos de solidariedade e preservação entre as culturas que, apesar de diferenciadas, são formadas por “*encontros e sínteses*”. Considera, ainda, que a diversidade – individual e coletiva – é um bem precioso da humanidade. Devemos, portanto, valorizar a qualidade de vida e, em oposição à mecanização e fragmentação do homem, dedicarmo-nos a propostas que englobem atividades lúdicas e estéticas (MORIN, 2003).

Freire (2000; 2001) aponta a educação como, não o único, mas um importante caminho para a transformação social, política e ideológica do mundo e para a conquista dos

direitos humanos. Para essa efetiva realização, é necessária uma articulação entre a criatividade, a curiosidade e a liberdade com a história do homem – individual e coletiva. É preciso trabalhar esses elementos no âmbito da educação científica, da educação estética – das Artes em geral –, da educação moral e ética, da inclusão tecnológica, da sexualidade e da linguagem.

Podemos concluir, portanto, que a educação que se almeja é aquela que estimule, criticamente, a capacidade de aprender do indivíduo; que possibilite a sua atuação como efetivo construtor e reconstrutor do processo do saber.

Breves considerações teóricas sobre o ensino da Arte e a Arte Conceitual

Ensino da arte: bases metodológicas

Um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se tiver uma produção de alta qualidade e uma compreensão desta produção também de alta qualidade (BARBOSA, 2008).

Como todo o processo educacional, o ensino das Artes no Brasil vem sofrendo profundas transformações nos âmbitos metodológicos, conteudísticos e filosóficos.

A origem da educação em Artes tem seus registros nos modelos clássicos da Missão Artística Francesa, no século XVII, quando os aspectos tecnicistas do desenho e da geometria são o suporte para uma representação imitativa do mundo real.

A trajetória do ensino da Arte permeia práticas que propõem desde a modernização do ensino por meio da corrente do “livre-fazer”¹, até a sua inserção oficial nos currículos escolares como componente obrigatório em 1971, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº. 5692/71, com o nome de Educação Artística² (BARBOSA, 2005).

Nos anos 80, novas correntes educacionais começam a surgir, a partir de encontros com a finalidade de fortalecer, política e conceitualmente, a pedagogia em Artes e seus profissionais, por meio da pesquisa teórico-científica. Estão baseadas, deste modo, na visão de um mundo interdisciplinar, onde os saberes interagem e se completam, e propõem práticas pedagógicas que buscam conciliar os diferentes campos do conhecimento humano, reforçando

¹ Em oposição à prática acadêmica e influenciada pelo movimento de democratização do ensino no século XX, a Nova Escola, as atividades artísticas são pautadas na livre expressão e na liberação dos sentimentos. Aqui, os materiais são espontaneamente manipulados pelos alunos, em prol de um desenvolvimento criativo, isento, porém, de reflexões ou orientações sobre o processo de criação estética por parte do professor (BARBOSA, 2005).

² O conteúdo desta disciplina, a cargo de um professor generalista, engloba noções de Artes Plásticas, Música, Teatro e Desenho Geométrico, valorizando os aspectos tecnicistas, as atividades artesanais e manuais, a decoração da escola para festas e cerimônias cívicas, além do uso do livro didático, formatando e cristalizando as atividades artísticas (MENEGHETTI, 1999).

a curiosidade e a capacidade crítica do educando. As atuais metodologias do ensino da Arte abrem espaços para sua aplicação em propostas pedagógicas de caráter interdisciplinar, pois discutem processos que abrangem não apenas o fazer artístico, mas a análise e a pesquisa acerca desse fazer, no sentido de mobilizar a percepção, reflexões e a experiência estética (FREIRE, 1996; OSTROWER, 1998).

Surgida no final dos anos de 1980, a Proposta Triangular para o Ensino das Artes, metodologia baseada em questões estéticas e culturais da pós-modernidade, tornou-se referência para a Arte-Educação brasileira³. Apoiada nos pilares: a leitura de imagens, a contextualização e o fazer artístico, essa abordagem baseia-se no entrecruzamento de diferentes áreas do conhecimento e de questões estéticas e culturais da contemporaneidade (MENEGHETTI, 1999; BARBOSA, 2002).

Nesse processo, o educando conecta-se com o mundo que o cerca. Desenvolve o seu potencial de descoberta dos sentidos, da apreciação estética e da percepção das contribuições multiculturais das sociedades contemporâneas, refletidas na velocidade e multiplicidade de informações que recebemos. Relaciona, assim, os diversos saberes – estéticos, culturais, científicos, tecnológicos, sociais, históricos, geográficos, éticos, dentre outros – de diferentes épocas e locais da história humana. Através do estudo de técnicas, ferramentas e conteúdos, específicos das linguagens artísticas, experimenta o processo de expressão e comunicação pessoais.

As mudanças que possibilitam o desenvolvimento da autonomia pessoal, participação social, compartilhando um destino comum são construídas por meio da reflexão crítica e da leitura de mundo e da Pós-Modernidade (Freire, 1996; Morin, 2003). Em educação estética, Arte é associada ao desenvolvimento da identidade sócio-cultural e nacional e de um olhar crítico das imagens do mundo moderno. Sendo a Arte considerada como cultura visual, impregnada de experiências, associações, lembranças e interpretações, é necessário propiciar a formação de interlocutores capazes de promover diferentes relações com a natureza, com outros indivíduos e suas identidades multiculturais e históricas e com questões da sua existência (PILLAR, 2001; BARBOSA, 2002; BUORO, 2002).

A Arte na educação deve estar articulada em um campo de conhecimentos interdisciplinares, com a finalidade de possibilitar o confronto crítico da trajetória das representações visuais, referentes à diversidade social, cultural e de gênero. Trata-se de

³ A proposta metodológica para o ensino da Arte, desenvolvida pela professora Ana Mae Barbosa, pesquisadora da Universidade de São Paulo, parte das experiências pedagógicas do Museu de Arte Contemporânea, da USP, durante sua gestão como diretora e de revisões de movimentos educativos estrangeiros, como as *Escuelas al aire libre*, do México; o *Critical Studies*, da Inglaterra e a *Disciplined-based Art Education - DBAE*, dos Estados Unidos (MENEGHETTI, 1999; BARBOSA, 2002).

favorecer a aquisição de meios para a compreensão da dinâmica dos processos de multiplicidade e de significações da cultura visual – presentes desde as pinturas rupestres, passando pelos considerados códigos canônicos, até os anúncios publicitários e as imagens incorpóreas e fugazes da televisão, dos videocliques e do ciberespaço (HERNÁNDEZ, 2000).

Arte Conceitual – contextualização

A Arte Conceitual estabelece-se no final da década de 1960 e meados dos anos de 1970, inicialmente na Europa e nos Estados Unidos e ganha âmbito internacional, como uma tentativa de revisão da noção de obra de Arte, constituída pelo mundo ocidental e como crítica ao formalismo, ao mercado da Arte e às instituições e seus sistemas de seleção de obras. Apresenta antecedentes nos *ready-made* de Marcel Duchamp e em obras de Robert Rauschenberg⁴. Através de uma produção heterogênea, diversificada e de concepções muitas vezes antagônicas, baseia-se na premissa de que a verdadeira obra de arte está na atitude mental, na esfera da idéia ou do conceito e não se constitui no objeto físico e na aparência da obra.

Esta nova forma de se fazer Arte, com sua presença mais na mente de artistas e espectadores, viria a exigir do público uma nova forma de atenção e participação mental. Desse modo, o objeto material exposto configura-se em comunicador de idéias e referencial a situações, acontecimentos ou locais passados, portanto vinculados à linguagem. A atitude primeira de elaboração e de invenção da obra é prioridade, ficando a materialização em segundo plano (SMITH, 1980; CHILVERS, 1996; ENCICLOPÉDIA ITAÚ).

Apresentam-se obras, muitas vezes desinteressantes, no tocante à estética visual, a fim de não provocar desatenção ao fator da idéia expressada. Muitos artistas viriam a se utilizar de fotografias, fotocópias, textos, mapas, diagramas, fitas de áudio e vídeo, propostas escritas, corpos dos próprios artistas, dentre outras, transmitindo ao espectador um aspecto de trivialidade, deixando a obra de ser, eminentemente visual, passando a configurar-se como idéia e pensamento (CHILVERS, 1996; ENCICLOPÉDIA ITAÚ).

A corrente formalista, cada vez mais abstrata, representada por Picasso, Matisse, Mondrian e Malevich, concebia “*a arte pela arte*”, enquanto Duchamp propunha “*a arte*

⁴ Um dos trabalhos de autoria de Rauschenberg que anteciparia a arte Conceitual é “Desenho de De Kooning Apagado”, onde o artista apresenta um papel vazio, quase em branco, onde havia, anteriormente, um desenho de De Kooning. Com o consentimento do artista, Rauschenberg apaga e desfaz o gesto artístico de seu colega, ligado ao movimento de abstração do pós-guerra norte-americano, em uma referência aos “limites e possibilidades de superação da noção de arte moderna” (Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais [on line]).

como idéia” (SMITH, 1980, p. 183). As gerações posteriores ampliaram o princípio de Duchamp em “arte como filosofia, como informação, como crítica social, como risco de vida, como piada, como forma de contar histórias” (id *ibid*) e foram permeadas por motivações diversas: “políticas, estéticas, ecológicas, teatrais, estruturalistas, filosóficas, jornalísticas, psicológicas” (id *ibid*, p. 184).

As novas formas de conceber o objeto artístico passaram a discutir questões como as relacionadas à matéria – oposição entre o imortal e o efêmero, utilizando-se de materiais não tradicionais como serragem, recortes de feltro, pigmentos puros, farinha, látex, neve, dentre outros –, ou ao espaço e à noção de mobilidade – produzindo obras gigantescas com terra e através da interferência em paisagens (id *ibid*).

Segundo o autor, princípios propostos pela Arte Conceitual deixaram fortes influências na Arte Contemporânea, sendo suas tendências revisitadas através de novas propostas e estilos diferentes.

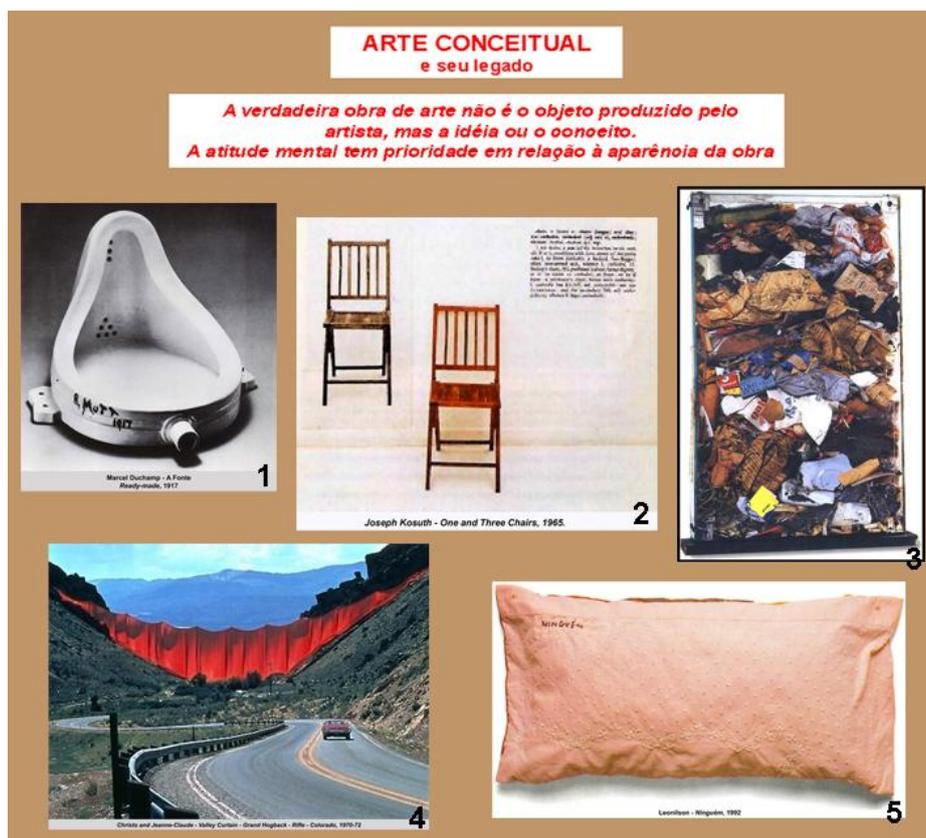


Figura 1 – Arte Conceitual e seu legado⁵

⁵ Artistas / obras: 1. Marcel Duchamp – A Fonte, Ready-made; 2. Joseph Kosuth – One and Three Chairs, 1965; 3. Arman – Grandes Detritus, 1959; 4. Christo and Jeanne-Claude – Valley Curtain – Grand Hogback – Rifle, Colorado, 1970-72; 5. Leonilson – Ninguém, 1998.

A prática pedagógica e seus resultados

Durante quinze anos como docente no IFRJ, nossa prática pedagógica vem buscando aliar as concepções do ensino da Arte com a realidade de uma instituição dedicada à pesquisa científica, com bases na Química e na Biologia. Procuramos, desse modo, levantar afinidades existentes no processo mental de criação das duas áreas – artística e científica –, tidas, no senso comum, como distintas.

O referencial teórico subjacente à nossa proposição tem como base estudos sobre as pedagogias de Freire (2001), Morin (2004) e Barbosa (2002) que postulam a formação de sujeitos históricos e transformadores, o desenvolvimento de atitude curiosa e criativa, a promoção da ingenuidade para a criticidade e a construção de uma Ética Universal.

Com base em propostas pedagógicas bem sucedidas na integração entre os princípios do ensino de Artes e das Ciências e em referenciais que postulam a interdisciplinaridade como meio de formação holística do indivíduo (TAPAJÓS, 2002; CARUSO *et al*, 2002; RANGEL, 2005), procuramos organizar um espaço que favoreça a expressão dos educandos, a partir de elementos das artes visuais.

Nossas atividades, sempre apoiadas na História das Arte e das Técnicas, partem do estudo de princípios da Arte Conceitual como fonte de compreensão da produção artística contemporânea.

Iniciamos o trabalho, junto a alunos tanto do Ensino Médio, como do Curso de Tecnologia em Produção Cultural, com uma etapa de sensibilização para a construção de imagens a partir de palavras ou conceitos. Assim, cada aluno propõe uma idéia para que seus colegas a construam visualmente – através de objetos, fotos, desenhos, cores, formas.

Na segunda etapa, após o estudo de diferentes formas de linguagens e técnicas utilizadas por artistas ao produzirem seus auto-retratos, partimos para a confecção de “auto-retratos conceituais”. Neles, a partir de fotos dos alunos impressas em preto e branco, propomos a construção de auto-imagens pautadas nas idéias de identidade pessoal.

Com base nos resultados e em pesquisas sobre a Arte Contemporânea, seguimos nossa proposta com o desenvolvimento de trabalhos, individuais ou coletivos, de criação de objetos tridimensionais. Durante todo o processo, estimulamos a fala dos alunos, permitindo, assim, uma articulação de ideias, crenças e opiniões trazidas por eles.

Por opção das turmas, são eleitos “conceitos” a fim de serem explorados pelos grupos. Com exceção de “Visão”, com um aspecto mais irreverente, todas as palavras

escolhidas apresentam conotações sociais – “Guerra”, “Fome”, “Violência contra a criança”, “Meio Ambiente”.

Assim, nesta etapa, são confeccionados trabalhos artísticos, de fundamento conceitual, discutindo questões ambientais; sociais; políticas; morais e éticas; realidades, anseios e medos dos adolescentes. Os alunos têm total liberdade de criação, desde a escolha de materiais até a abordagem do tema. Para isso, lançam mão de diversificados materiais, dentre elementos naturais, industrializados, ferramentas, adesivos e suportes variados – folhas secas, sementes, troncos e galhos de árvores, tecidos, emborrachados, embalagens de isopor, frascos diversos, arame, tubos de papelão, revistas, caixas, sucata em geral, diferentes tipos de colas e papéis, barbantes e linhas, fitas adesivas, pregos, alfinetes, pregadores, tintas, tesoura, estilete e serrote.

Os formatos também se apresentam muito variados. São produzidos desde pinturas e desenhos até objetos, painéis, instalações, vídeos-arte.

Ao final de cada etapa acontecem encontros de avaliação e são realizadas exposições.

Os resultados vêm-se mostrando bastante positivos no tocante ao envolvimento e participação coletiva. Podemos perceber muito claramente a evolução do processo pedagógico e a ampliação no repertório artístico-cultural dos alunos. Seu universo de representação e expressão artística expande-se da restrita idéia do genial mestre da pintura ou escultura à exploração de significados, materiais e linguagens novos e inusitados.

Conectados às tendências das Artes Contemporâneas, muitos buscam a interatividade com o público e discussão de temas atuais.

A produção artística



Figura 2 - aluno 1⁶



Figura 3 - aluno 2⁷

⁶ Fig. 2 – O painel de madeira apresenta-se todo manchado de tinta marrom. Nele, estão colados um prato vazio quebrado e talheres dobrados e destruídos. Este trabalho discute questões de pobreza e fome através do sujo e do feio.



Figura 4 – aluno 3⁸



Figura 5 – aluno 4⁹



Figura 6 – Aluno 5¹⁰



Figura 7 - Aluno 6¹¹



Figura 8 - Aluno 7

⁷ Fig. 3 – Painel constituído de juta, cabo de vassoura, caixas de interruptores com seus espelhos, unidos por tubos de plástico. O tema é a visão e nos interruptores aparecem pintadas imagens de olhos, como referência de que sem luz não existe visão.

⁸ Fig. 4 – Esta escultura, de grandes dimensões, confeccionada a partir de um tronco de árvore, constitui o que sua autora viria a chamar de “o monstro do capitalismo”. No lado posterior, está representada a vida, através do uso de folhas de celofane, nas cores verde e azul, configurando a vegetação e a água. Na parte dianteira, encontra-se a destruição provocada pelo fogo, produzido a partir de folhas de celofane amarela e vermelha e uma grande mancha de tinta de cor alaranjada. O incêndio sobe até o topo, onde se encontra a vegetação seca – descrevendo a morte – e uma carranca de argila, com fisionomia severa, olhos esbugalhados, vidrados e narinas abertas, representando os interesses econômicos que se sobrepõem ao respeito pela vida.

⁹ Fig. 5 – O tema deste trabalho é a violência contra a criança e a prostituição infantil. Para o seu desenvolvimento, o autor lança mão do uso de símbolos da inocência e da infância – a boneca e a chupeta. Vestida com pouca roupa, encontra-se com uma seringa espetada em um braço e notas de dinheiro em outro. Tem os pés e as mãos atados como sinônimo de impotência e abuso.

¹⁰ Fig. 6 – A figura 5 apresenta uma clara relação entre ciência e arte. Nesta escultura viva observamos uma espiral do DNA “plantada” junto a um pé de feijão. Este trabalho, em consonância com a Arte Contemporânea discute a atualidade e o efêmero na Arte – o pé de feijão cresce e se modifica durante todo o tempo de exposição.

¹¹ Fig. 7 e 8 – Os dois trabalhos desenvolvem o tema “visão”. O primeiro representa uma persiana confeccionada com refil de cola quente, através da qual, vários olhos observam o espectador. A segunda apresenta, em uma proposta de interação com o público, um mecanismo ótico de aumento por onde pode ser vista uma mosca pousada na parede.

3 Considerações finais

Variadas concepções teórico-metodológicas vêm discutindo modelos educacionais, de caráter permanente, capazes de lidar com as incertezas de nosso mundo globalizado – a fome, o desemprego, a miséria; a ampliação acelerada da comunicação no planeta; a fragmentação e elitização do conhecimento; o desequilibrado acesso aos bens, materiais ou não, como a terra, a saúde, a educação e a propriedade; a descrença no futuro, gerada pela violência, deterioração do Meio Ambiente e má utilização das conquistas da Ciência e tecnologia. A fim de garantir um efetivo sistema de ensino, buscam-se formas de promover, no educando, uma atitude crítica, indagadora, criativa e cidadã perante a diversidade do nosso mundo, consciente do seu papel histórico, social e cultural, capaz de atuar no mundo com atitude de transformação, ética e engajada. Ainda assim, são observados, dentro do sistema formal de ensino e entre o discurso de educandos, sintomas de fragmentação e hierarquização entre as diferentes áreas do conhecimento humano.

A dinâmica das atividades descritas mostra-se bastante rica em possibilidades pedagógicas, revelando a criação artística como eficiente veículo para a reflexão sobre nosso mundo e realidade.

A Arte Conceitual apresenta-se como importante recurso didático, uma vez que permite inter-relação entre diferentes áreas do conhecimento humano, liberdade estilística, ampla pesquisa de materiais e interlocução entre questões ligadas a tempos, lugares, identidades, culturas, referenciais e significações. O aluno pode, desse modo, desprender-se das idéias pré-concebidas “*eu não sei desenhar*” “*eu não sou bom em artes*” e buscar formas alternativas de expressão e comunicação.

Referências

BARBOSA, A.M. *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Para que serve a arte na educação?* Blog Acesso, 2008. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=91>>. Acesso em: 2 jul. 2008.

BUORO, A.B. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Cortez, 2002.

CAURSO, F. ; CARVALHO, M.; SILVEIRA, M.C. *Uma proposta de ensino e divulgação de Ciências através dos quadrinhos*. Apresentação na oficina “*Science Education through Comics*”, durante a ICSU Conference on Science and Mathematics Education, 21 a 23 de setembro 2002, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.cbpf.br/~eduhq/html/publicacoes/links_publicacoes/ciencia_sociedade_cs00802/cs00802.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2006.

CHILVERS, I. *Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HERNÁNDEZ, F. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MENEGHETTI, S.B. Contexto nacional: as principais mudanças políticas e conceituais na visão dos arte-educadores. *Boletim Arte na Escola*, n. 20, 1999 [on line]. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=10>. Acesso em: 26 jun. 2005.

MORIN, E.: WULF, C. *Planeta: a aventura desconhecida*. São Paulo: UNESP; 2003.

OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na Arte e na Ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PILLAR, A.D. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

RANGEL, D. *O diálogo entre Ciência e Arte*. *Ciência e Cultura*. [on line], v.57, n. 4, p.36-37, out./dez. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400020&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 18 jan. 2006.

SMITH, R. Arte Conceitual. 1980. In: STANGOS, N. *Conceitos da arte moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 182-192.

TAPAJÓS, R. Introdução das artes nos currículos médicos. *Interface: Comunic, Saúde, Educ*, [on line]. v.6, n.10, p.27-36, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista10/ensaio2.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2004.